



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

AMÉRICA LATINA - CONTRIBUTO POÉTICO: GREGÓRIO DE MATOS, VICENTE HUIDOBRO, OCTAVIO PAZ

Raimundo Lopes Matos

Professor Pleno da Área de Estudos Literários – AELIT - do Departamento de Ciências Humanas e Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Campus de Jequié/BA; Pós doutor em História, Política e Poética da América Latina – UERJ; Doutor e Mestre em Comunicação e Semiótica. 2009/2010, e-mail: raimundo.matos@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto as poéticas do brasileiro Gregório de Matos Guerra, do chileno Vicente Huidobro e do mexicano Octavio Paz, no que tange ao interrelacionamento poética/espiritualidade como sendo um dos traços do moderno/pós-moderno. Ressaltam-se os contextos barroco, moderno/pós-moderno e neobarroco, aos quais pertenceram os poetas em apreço.

A escolha do tema foi motivada pela relevância dessa tríade nos espaços poéticos e culturais latino-americanos; pela interdisciplinaridade responsável pelo exercício dialógico, operatório, produtivo, construtivo e imbricado, entre esses domínios; pelo linguajar barroco de Matos e pelos traços modernos/pós-modernos de Huidobro, além do estilo neobarroco de Paz, todos num exercício direto e/ou indireto de espiritualidade sem que, necessariamente, tenham que evidenciar uma religião institucional.

Destacam-se, no texto, os seguintes objetivos: abordar a espiritualidade pela práxis religiosa nos momentos históricos citados; ressaltar o papel dessa espiritualidade no homem e no meio em que está inserido; salientar influências dos contextos referidos nas práticas e nos procedimentos religiosos; identificar a presença da espiritualidade sob um escopo poético e global.

O texto vem respaldado pelo embasamento teórico-metodológico de estudiosos como Mircea Eliade; Teixeira Coelho, Anthony Giddens, modernidade e pós-modernidade; Charles Sanders Peirce e Lúcia Santaella, Semiótica; utilizar-se-ão, além



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

disso, textos poéticos dos autores em epígrafe, bem como de poetas outros a exemplo de Mário de Andrade, Murilo Mendes, Jorge de Lima e Cecília Meireles.

Em se tratando de raciocínio, seguem-se os matizes didáticos dos processos abdução, indutivo e dedutivo. Porém, como a leitura se processa sob um escopo semiótico-peirceano, a abordagem se dá como um todo coeso. São fragmentos recorrentes que formam ‘um todo textual’. Por isso, é uma leitura centrífuga, centrípeta, cíclica e interconectada com as suas partes constitutivas.

O POETA E A ESPIRITUALIDADE

Em princípio, o poeta, nesta qualidade, vive, cria e se comunica no vácuo e na movência dessa espiritualidade – ação incessante do espírito em busca do novo e do desconhecido, - a qual se dá, em especial, num tempo denominado, na língua grega, *kairós*. É tido como um tempo certo para as coisas acontecerem. Por isso, para muitos, as coisas só acontecem nesse tempo certo. Não é por acaso, que o sábio Salomão escreve no livro de Eclesiastes: “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu” (BÍBLIA, 1995, p. 969). O tempo *kairós*, ao contrário de tempo *chronos*, também de origem grega, não é marcado pelo relógio: segundos, minutos, hora; nem pelo calendário: dia, mês, ano. Portanto, não é linear; é, porém, cíclico, recorrente, especial, único, permanente, efêmero, provisório, e eterno. Nele, o poeta exerce e expressa a sua espiritualidade. Esta não necessita, obrigatoriamente, de chancela de uma religião institucionalizada para se manifestar. Ela existe ontologicamente. Por isso, muitos poetas expressam, em seus textos, matizes e traços religiosos com suas crenças, seus ritos e liturgias sem, contudo, pertencerem sistemática e assiduamente, a uma religião específica. Essa espiritualidade funda, profunda e complexa, adquirirá formatação nos termos das teologias adotadas por este ou por aquele grupo de seguidores. Pierre Lévy, por exemplo, abordando uma visão teológica não cristã, diz: “Deus, os anjos, o pensamento e o mundo são apreendidos em termos **qualitativos**. Deus não é infinitamente mais do que nós (mais poderoso, mais sábio, mais justo...), mas radicalmente outro; unidade absoluta do pensamento pensando-se a si mesmo” (LÉVY, 1998, p; 85).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A espiritualidade existe, insiste e persiste no espaço ilimitado do Hiato que se inicia “antes do começo” e se estende para “depois do fim”.

Possivelmente, a ausência de diálogo nesse espaço e com essa espiritualidade, tem desencaminhado muitos em relação ao razoável e os encaminhado para fins cujos prejuízos se apresentam como irreparáveis. Eni Martin, ao comentar um artigo do professor e psicanalista Rubem Alves, registra o espanto desse educador, ao saber do fim de astros de primeira grandeza que “tiveram uma vida mental rica e excitante, pessoas cujos livros e obras são alimentos para a alma” em todo o mundo, no entanto, a história de cada um não se cala: às vezes, ensurdece; e, às vezes, emudece.

Nietzsche ficou louco; Fernando Pessoa era dado à bebida; Van Gogh matou-se; Wittgenstein alegrou-se ao saber que iria morrer em breve, pois não suportava mais viver com tanta angústia; Cecília Meireles sofria de uma suave depressão crônica; e Maïakovski suicidou-se (MARTIN, In: <http://pt.shvoong.com/humanities/history-medicine-science/495030-rubem-alves-receita-para-sa%C3%BAde/>).

É de se entender, que um equilíbrio nessa Imensidão, nesse Haito, entre *hardware* e o *software* humanos, a fim de haver um desenvolvimento integral: psíquico-afetivo-cognitivo-social-espiritual é de suma importância para a saúde mental do indivíduo com influências e contribuições benéficas para a vida social da coletividade e do mundo.

O Papa do Modernismo brasileiro, Mário de Andrade, pelos vieses unanimista e pacifista, escreve:

*Ó paz, divina geratriz do riso,
Chega! Ó doce paz. Ó mega paz,
Sócia eterna de todos os progressos,
Estendei vosso manto puro e liso
Por sobre a Terra, que se esfaz!* (ANDRADE, 1960, p. 15)

O poeta alagoano, Jorge de Lima, no seu poema “O Sono Antecedente”, diz: Parai tudo que me impede de voltar ao sono iluminado / Que Deus me deu / Antes de me criar (LIMA, In: FARACO & MOURA, 1995, p. 240), Já o poeta mineiro, Murilo Mendes, afirma: “Sou ligado pela herança do espírito e do sangue / (...) Ao santo e ao demônio (...)” (MENDES, In: FARACO & MOURA, 1995, p. 236). A carioca Cecília Meireles deixa a sua marca no seu poema Ises:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

*E diz-me a desconhecida:
"Mais depressa! Mais depressa!
"Que eu vou te levar a vida! . . .*

*"Finaliza! Recomeça!
"Transpõe glórias e pecados! . . .
Eu não sei que voz seja essa (...) (MEIRELES, In:
<http://www.revista.agulha.nom.br/ceciliameireles02.html#isis>.*

Aqui, são mostrados somente fragmentos textuais pertencentes aos grandes acervos e repertórios dos poetas referidos. Todavia, todos expressam, de maneira clara e inequívoca, a espiritualidade em cada um. Espiritualidade que, para alguns, existe tão-somente na esfera do texto; para outros, contudo, é algo textual, vivencial e disseminada pelo veio poético.

GREGÓRIO DE MATOS

É sabido que o maior poeta barroco e iniciador da literatura brasileira, o baiano Gregório de Matos Guerra, teve o seu repertório poético compreendido em lírica amorosa, lírica filosófica e lírica religiosa. E é esta que, aqui, é ressaltada por ser o recorte temático.

Por se tratar do Brasil Colônia, século XVII, contexto do Barroco europeu/brasileiro, o poeta, Boca de Brasa, vive o conflito do seu tempo, estabelecido, principalmente, pelo teocentrismo medieval e pelo antropocentrismo (FARACO & MOURA, 1995, pp. 31/32) renascentista e iluminista. Esse período, início da Modernidade, motiva amplas e profundas transformações em termos de cultura, sociedade, economia, política e religião. Gregório de Matos, apesar de se projetar para além do seu tempo, não tem como se isentar totalmente dele. Afinal, no século XIX, o crítico e historiador francês, Hippolyte Adolphe Taine, criou o determinismo, segundo o qual "o comportamento humano é determinado por três aspectos básicos: o meio, a raça e o momento histórico" (TAINÉ, *apud* CEREJA & MAGALHÃES, 1995, p. 201). Assim, sob influência de seu contexto, Boca de Brasa trata de amor a Deus; da culpa; do arrependimento e do perdão; em seus textos, expressa o conceptismo - uso exagerado de conceitos; e o cultismo - uso de linguajar exageradamente rebuscado. Faz tudo isso à luz



de matizes filosóficos e de referências bíblicas num prisma religioso-cristão na linha do catolicismo romano ao qual pertencera, e fora excomungado.

O soneto seguinte, *A Jesus Cristo Nosso Senhor*, exemplifica muito bem, o poeta e sua espiritualidade. Não se trata de valorar a sua vida espiritual: se é um religioso fervoroso e sincero, ou se é um mero fariseu hipócrita; trata-se, tão-somente, porém, de uma constatação do que o seu **eu poético** (grifo do autor) expõe: sua espiritualidade.

A Jesus Cristo Nosso Senhor

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta piedade me despido;
Antes, quanto mais tenho delinqüido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida já cobrada,
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História:

Eu sou, Senhor, ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

(MATOS, *apud* CEREJA & MAGALHÃES, 1995, p. 58)

A igreja, com a sua tradição, ainda respira o teocentrismo medieval e exerce pleno domínio sobre o pensamento do homem de então. Gregório de Matos, por ter vivido mais de três décadas na Europa e ter bebido, *in loco*, na fonte renascentista, onde o que deve prevalecer é o antropocentrismo, com a sua personalidade inquieta e revolucionária, é uma exceção e voz destoante, polifônica e carnavalizante entre os que nada dizem, senão o uníssonos *amém*. Apesar disso, não pôde fugir plenamente das influências de seu contexto imediato: daí o seu conflito entre fé e razão; pecado e pedido de perdão; a carne pecadora e seu declarado arrependimento. O dualismo, uma das características do Barroco, fica evidente: pecado/remorso, Deus/pecador, espírito/matéria. O linguajar é rebuscado, cheia de metáforas, repetições, inversões,



antíteses, traços do cultismo. Pode ser observada, também, uma acentuada ênfase nos aspectos sensoriais da realidade.

Nas duas primeiras estrofes do soneto, o poeta apresenta as características do estilo barroco já mencionadas: a existência de um pecador, e a crença no amor insondável e infinito de Cristo; o arrependimento e pedido de perdão, e, por outro lado, a disposição do Senhor em perdoar.

Aquele que é acusado de um delito pode se defender negando que tenho cometido o delito, ou admitindo-o, mas justificando o porquê da ação delituosa. Negar que pecara não seria viável nem possível, diante de um teocentrismo - Deus no centro-, cuja doutrina apresenta o Deus onisciente: Este vê e sabe de tudo. A outra maneira de defesa é assumir o erro, e se justificar. É isso que acontece. Admite ter pecado, porém usa a conjunção adversativa *mas* ... Para dizer que, nem por isso se desfazia ou se afastaria, ou estaria desprezado pela presença do Senhor. Afinal, quanto mais pecado, mais perdão; quanto mais perdição, mais salvação. Como o poeta fora vigário, pode ter em mente um texto isolado do Apóstolo Paulo aos crentes romanos, que diz: "... onde o pecado abundou, superabundou a graça" (BÍBLIA, 1995, p. 1707). E o próprio Cristo disse ter vindo "buscar e salvar o que se havia perdido (BÍBLIA, 1995, p. 1549)". Parece que o poeta quer deixar demonstrada, ainda que de modo velado, a interdependência pecador-salvador. Afinal, se não há pecado, não há como se manifestar o perdão; a fim de que se manifeste a salvação do salvador, terá que haver a perdição do pecador.

Apresentando-se como ovelha desgarrada, mas não se desgarrando do Bom Pastor, Este não terá como negar-lhe o perdão e um amoroso acolhimento no aprisco. Negar o perdão à ovelha seria negar-se a Si mesmo. E, por isso, não seria Pastor, Salvador, Deus.

Com esse misto de humildade, justificativa autodefensiva, chantagem emocional, humanizando Deus e deificando o homem; fazendo com que homem e Deus andem *pari passu*; trazendo Deus para o palco do homem, e elevando o homem à esfera de Deus, parece que o eu poético se percebe perdoado ou, pelo menos, perdoável.

VICENTE HUIDOBRO



Esse poeta pertencente aos séculos XIX e XX, é tipicamente um escritor cosmopolita. Abordar o cosmopolitismo huidobriano é interessante, pois esse é também um aspecto importante no debate, tanto da modernidade quanto da pós-modernidade. Segundo estudos de **Schwartz** e na “acepção mais corrente até hoje”, do termo “... *cosmopolita é aquele que, em consequência da multinacionalidade, é capaz de falar várias línguas e transportar-se de um país para o outro sem maiores dificuldades* (SCHWARTZ, 1983, p. 21).

Esse conceito, apesar de correto, mostra-se pouco abrangente, pois parece identificar apenas um tipo de cosmopolita de “*bagagem*” com suas meras experiências turísticas e pessoais. Daí **Schwartz** conceituar cosmopolita, também, pela “*produção textual*” usando os exemplos de Machado de Assis, Mário de Andrade, Lezama Lima e outros, os quais não se conceituariam como cosmopolitas à Oswald de Andrade ou à Oliverio Girondo, por exemplo, por não serem internacionalmente viajados; são cosmopolitas, entretanto, pela textualidade, isto é, seus textos tomam como referencial a **urbe**, o *cosmos*.

Afirma **Schwartz**:

Não nos limitamos a restrições semânticas do termo, que definem o cosmopolitismo como experiência meramente pessoal. Interessa-nos essa designação enquanto abertura de fronteiras culturais e enquanto conversão desse fator histórico social em cultura (SCHWARTZ, 1983, p. 06).

Das abordagens de **Schwartz**, percebe-se, ainda, a possibilidade de um terceiro conceito de cosmopolita, qual seja aquele que reflete a “*vontade de captar o referencial simultâneo e sobretudo a partir do futurismo italiano...*” (SCHWARTZ, 1983, p. 06). Percebe-se o desejo de apreensão do todo, do totalizante, da totalidade.

Assim sendo, parece razoável identificar Huidobro como um poeta cosmopolita por excelência em razão de seu tríplice cosmopolitismo: **literal**, **textual** e **volitivo**.

Literal. Huidobro é um poeta literalmente cidadão, metropolitano, e mais do que isso, é cosmopolita. É, poeta da **urbe**. É poeta da cosmópolis. Jaime Concha, ao abordar a vida do poeta, relembra seus “*puntos cardinales*” (CONCHA, 1980, p. 11), Santiago, Buenos Aires, Madri e Paris. Além disso, registram-se suas conferências em Berlim, Estocolmo e suas estadas em Montevidéu e em Nova Iorque (HUIDOBRO, 1991, p. 32).



Escreve **Concha**: “*Entre esses espacios ciudadanos, su existencia de la impresión de un vaivén cosmopolita, como de estela transatlântica, un perpetuo movimiento entre polos centrífugos* (CONCHA, 1980, p. 11).

Huidobro experiencia um cosmopolitismo transitivo, geográfico e de “bagagem”. É um cosmopolitismo prático, vivencial, operacional, literal.

Textual. Huidobro, apesar de sua “sincrética obra”⁽²¹⁾, toma, em muitos de seus poemas, o “referente urbano que, em alguns casos, como adiante se verá, é sobremodo ampliado que parece atingir dimensões cosmológicas; ele vivencia e tematiza estética e poeticamente o seu contexto citadino imediato, elasticizando-o e universalizando-se. Estão incluídos na sua poética cosmopolita, Londres/Madri/Paris/Roma/Nápolis/Zurich no poema EXPRESS (EXPRES) – ideograma da cosmópolis, nas palavras de **Schwartz** que, ainda escreve: “*O signo cosmopolita existe em Huidobro a partir da assimilação e a incorporação dos modelos europeus de vanguarda em sua própria poesia*” (SCHWARTZ, 1983. p. 38).

Schwartz trata, outrossim, do amadurecimento poético de Huidobro e afirma que isso “*implica a passagem de um cosmopolitismo denominativo e descritivo a um cosmopolitismo textual, autônomo e metalinguístico*” (SCHWARTZ, 1983. p. 48).

O seu repertório linguístico e poético mostra um Huidobro da *polise do cosmos*. Exemplos: terra, céu, sol, estrela, luz, mar, telefone, telégrafo, telescópio, avião, jardim, obelisco, torre – Tour Eiffel. Sirvam ainda de exemplos, os excertos dos poemas supramencionados.

EXPRESS

Uma carona yo me baria

De todas las ciudades recorridas

Londres

Madrid

Paris

Roma

Nápoles

Zurich

Silban em los llanos

locomotoras cubiertas de algas.

AQUI NADIE HE ENCONTRADO

De todos los rios navegados

yo me baria um collar

El Amazonas

El Sena

El Támesis

El Rin

..... (HUIDOBRO, 1976, p. 293)



Como pode ser observado, o poeta não apenas faz referência a esses elementos citadinos (telefone, telégrafo, telescópio, avião, jardim, obelisco, torre), mas também os organiza, energizando-os moderna e poeticamente, o que, nas palavras de **Amálio Pinheiro**, é um “*verdadeiro projeto de plurileituras, onde se integram justaposições cubistas, espaçamentos tipográficos marllarmeanos, léxicos diferenciados, jogos fônico-visuais, a temática da velocidade...*” (PINHEIRO, 1994, p. 100).

Os exemplos, além de inúmeros outros relacionáveis de seus poemas em geral, parecem ratificar Huidobro como poeta cosmopolita textual.

Volitivo. Percebe-se em o criador de **Adán** – “*o Adão científico*” – a vontade poético-totalizante, de apreender o todo universal.

No prefácio desse poema, escreve **Huidobro**: “*Neste poema, tratei de imprimir todo meu panteísmo de minha alma, cingindo-me às verdades científicas, sem que isso jamais afrontasse os direitos da poesia*” (HUIDOBRO, 1990, p. 224). Recorrendo-se ao **poema-programa** – Arte Poética (HUIDOBRO, 1995, p. 75) citam-se como exemplos, os seguintes versos:

Que el verso sea como una llave
Que abra mil puertas
.....
Cuando miren los ojos creado sea
.....
El poeta es um pequeño Dios.

Huidobro parece expressar seu desejo de apreender uma totalidade homem-poeta-poética-cosmos simultânea e instantaneamente, ao escrever: “*En el creacionismo proclamamos la personalidad total. Nada de parcelas de poetas. El infinito entero en el poeta, el poeta íntegro en el instante de proyectar-se*” (HUIDOBRO, 1990, p. 224).

E mais: “*Yo tengo derecho a querer ver una flor que anda o un rebaño de ovejas atravesando el arco iris, y el que quiera negarme este derecho o limitar el campo de mis visiones debe ser considerado un simple inepto*” (HUIDOBRO, 1990, p. 206).

Nos repertórios linguístico, imagético e poético huidobrianos, incluem-se e se presentificam pluralismo, amplitude, altura, profundidade, movimento, velocidade. Alguns exemplos: sol, lua, estrela, atmosfera, mar, céu, terra, fogo, horizonte, universo, globo, dilúvio, arco-íris, alfa, ômega e imagens como as sugeridas pelo poema já citado.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Esse processo criativo huidobriano, é interrelacional e interacional entre os mundos objetivo e subjetivo, parece estar em consonância com as forças. Esta, partindo do mundo exterior – objetivo – para o mundo interior – subjetivo, o **eu** do artista -, aquela, ao contrário, devolvendo ao mundo objetivo, os elementos recebidos, agora trabalhados, transformados e reorganizados como uma obra de arte.

OCTAVIO PAZ

O mexicano, Octavio Paz, homem do século XX, prêmio Nobel de Literatura em 1982, poeta, crítico literário, ensaísta, defensor do chamado universalismo estético-cultural, é responsável pelos “fundamentos dum moderno imaginário latino-americano” (<http://www.instituto-camoes.pt/revista/pazlezama.htm>); por ser homem das letras, da filosofia, da antropologia, da religião, da história e de “temas do nosso tempo, é patente o ecletismo da sua cultura” (<http://www.instituto-camoes.pt/revista/pazlezama.htm>).

Sobre a herança deixada e seu desaparecimento físico, fala Nelly Novaes Coelho:

Criou para nós um universo tão rico, amor, paixões, inteligência, generosidade, interrogações vitais... que nos fez a todos seus habitantes... Fisicamente, ele se foi, mas o universo que ele criou para nós continua aí, cada vez mais aberto a novas descobertas. Octavio Paz foi um dos meus primeiros mestres-guias, a ajudar-me a encontrar meus próprios caminhos no mundo da literatura, sondado em suas profundezas (<http://www.revista.agulha.nom.br/nciiy04.html>).

Por ser um autor, sobremodo, polifônico, de estilo e linguajar neobarroco, é aqui abordado *pari passu* e imbricado com Gregório de Matos. E para os preliminares de um início de leitura de seu profundo, vasto e complexo repertório poético, foi recortada apenas a primeira das três partes (estrofes) que compõem o poema *El Ausente*, um dos 207 que formam o livro de Paz, *Liberdad Bajo Palabra*.

Eis o excerto:

Dios insaciable que mi insomnio alimenta;
Dios sediento que refrescas tu eterna sed en mis lágrimas,
Dios vacío que golpeas mi pecho con un puño de piedra, con un puño de humo,
Dios que me deshabras,
Dios desierto, peña que mi súplica baña,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Dios que al silencio del hombre que pregunta contestas com un silencio más grande,
Dios hueco, Dios de nada, mi Dios:
sangre, tu sangre, la sangre, me guía.
La sangre de la tierra,
la de los animales y la del vegetal somnoliento,
la sangre petrificada de los minerales
y la del fuego que dormita en la tierra,
tu sangre,
la del vino frenético que canta en primavera,
Dios esbelto y solar,
Dios de resurrección,
estrella hiriente,
insomne flauta que alza su dulce llama entre sombras caídas,
oh Dios que en las fiestas convocas a las mujeres delirantes
y haces girar sus vientres planetarios y sus nalgas salvajes,
los pechos inmóviles y eléctricos,
atravesando el universo enloquecido y desnudo
y la sedienta extensión de la noche desplomada.
Sangre,
sangre que todavía te mancha con resplandores bárbaros,
la sangre derramada en la noche del sacrificio,
la de los inocentes y la de los impíos,
la de tus enemigos y la de tus justos,
la sangre tuya, la de tu sacrificio (PAZ, 1998, p. 167-8)

Para começar, o título do poema é *El Ausente*; o poeta, porém, transforma esse ausente em presente. E isso é feito pelo recurso da repetição: “*Dios*”, só neste fragmento, é usado 12 vezes, por Paz. Já dá para perceber que há uma oposição ausente/presente, traço do Barroco de Francisco Quevedo, poeta espanhol lido e apreciado por Paz.

O “*Dios*” aqui é apresentado por meio de um linguajar neobarroco. Portanto, há evidente diferença do Deus rigorosamente talhado e apresentado no estilo dos setecentos. Todavia, percebe-se que se trata de uma retomada, com as devidas peculiaridades do contexto histórico, da estética barroca. Esse contexto outro, motiva a apresentação de um “*Dios*” com um quê de *sui generis*: é insaciável, sedento, vazio, deserto, oco, nada e contesto o silêncio com o silêncio. Se assim é, sem dúvida é carente e necessita de algo fora de si para se satisfazer e se completar; é fraco e se equipara a um frágil ser humano qualquer; saliente-se, contudo, que esse “nada” e esse “silêncio”, na cultura teológica da Índia, espaço vivenciado por Paz, pode ser entendido como sendo o “Tudo”, isto é, o “Todo Holístico”. Desse modo, esse não é o Deus dos cristãos. Pois o Deus dos cristãos é absoluto, onipotente, completo e, em Si mesmo, é completez; não Lhe falta nada e nada Lhe falta.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O sacrifício vicário da cruz é lembrado por intermédio do sangue. Este é mencionado 10 vezes nesse pequeno recorte. E esse sangue é mostrado como sendo da terra, dos minerais, do vegetal e do fogo. Há uma velada integração com a Natureza, criando um tipo de “ecologia universal” regrada pelo sangue de “Dios”. Isso pode ser entendido como panteísmo: tudo é Deus e Deus é tudo; seria uma teologia unitarista-universal, planetária. Pela doutrina cristã, o sangue de Cristo foi derramado única e exclusivamente para remissão dos pecados. Cristo morreu crucificado para a redenção do homem.

O vinho, o esbelto e o convite feito às mulheres sensuais e excitantes, pelo próprio “Dios”, trazem a figura de um “Deus” “dionisíaco”, portanto, carnavalesco e carnavalizante, orgiático, tendente à bacanal, erótico. Entretanto, há a presença de um resplendor, apesar de bárbaro, o que matizaria a festa com traços apolíneos. Fundem-se, assim, elementos tidos como opostos e separáveis, como mais uma característica barroca/neobarroca. Além disso, o fragmento retoma um tipo de dualismo – traço barroco -: sede eterna/lágrimas (provisórias); punho de pedra/punho de fumaça; Deus (que habita em.../Deus (que desabita e que não está em lugar nenhum...; os inocentes contrastando com os ímpios; os inimigos em oposição aos justos; há, poeticamente, ainda, uma fusão sanguínea: sangue de “Dios”, dos inocentes, dos justos, dos ímpios e dos inimigos. Retomando os atos de prisão, julgamento e crucificação de Cristo, todos esses estavam presentes: uns, contra; outros, a favor; uns, chorando; muitos, cantando; pais, irmãos, parentes, discípulos, certamente orando, rezando; os judeus, hilariantes, pediam que Jesus fosse crucificado e que seu sangue caísse sobre eles e seus filhos. De um modo e/ou de outro, há, em termos poéticos, na grande confusão, uma grande fusão: permanência/impermanência; amor/ódio; bom/mau; bem/mal; sagrado/profano; vida/morte; Deus/Homem.

Há, também, a simultaneidade de melopéia, fanopéia e logopéia, nos termos de Ezra Pound (POUND, 1989, p. 63): melopéia – sons e ritmos musicais; fanopeia – imagens mentais/visuais motivadas pelo linguajar do poema; logopeia – poema prosaico, assemelhando-se com o texto em prosa. O texto, enfim, une, reúne e harmoniza os múltiplos e aparentemente contrários. Desta maneira, pode pensar-se no poético-cultural como metáfora/metonímia da sociedade e/ou esta como metonímia/metáfora daquela.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A propósito do contexto moderno/pós-moderno, Jair Ferreira dos Santos conceitua pós-modernidade como sendo as “mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo” (SANTOS, 1995, p. 07), os relacionamentos com as mais diversas áreas do saber passam a uma realidade: nesse elenco, todos estão incluídos; na sua passarela, todos desfilam; no seu palco, todos contracenam; em suas arquibancadas, todos torcem, gritam, silenciam, riem, choram, rezam, oram, meditam, relaxam, falam mal; cruzam-se políticas, ideologias, procedimentos, discursos científicos, artísticos, filosóficos, sociais, culturais, religiosos; confraternizam-se, em mesa-redonda, padre, pastor, espírita, pai-de-santo, budista, hare-krishna, ateu; todos com os olhos no futuro, e os pés na antiguidade. Assim, a religião, assume uma postura dialogal e se relaciona com tudo e com todos.

Pelo viés semiótico (PEIRCE, 1967, p. 32-37), à luz das categorias universais do pensamento e da natureza, dos signos e dos métodos de raciocínio peirceanos, tem-se, respectivamente, o que segue: a religião, *in totum*, no seu momento mágico-primordial é expressa pela primeiridade, ícone, abdução; no que tange à ação, ao interagir religioso, dissemina-se pela secundidade, índice e indução; e quanto à religião, organização normatizada, institucional, é identificada pela terceiridade, símbolo e dedução (SANTAELLA, 2004, p. 03). Todavia, vale ressaltar que esta ordem é pura e meramente didática, pois esta semiose não acontece de modo rigidamente hierarquizado, seqüenciado, etapista e linear. Mas, acontece de maneira simultânea, cíclica e interrelacional, *ad infinitum*.

PALAVRAS FINAIS

Como pôde ser visto, essa tríade poética – Gregório de Matos, Vicente Huidobro e Octavio Paz -, nos seus respectivos espaços geográficos, históricos e culturais – séculos XVII, XIX/XX e XX respectivamente, retomaram características dos seus respectivos períodos literários por meio de um sincronismo estilístico e temático, fazendo-nos todos contemporâneos.

Este trabalho se reveste de importância por ser, certamente, uma abertura de janela para um avanço nas discussões sobre poética e espiritualidade, dentro de um



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

grande escopo científico, artístico e cultural, nesse circuito de Século XXI, contexto terciomilenista.

Finalmente, poética e religião, mesmo convivendo com a violência, a guerra e rumores de guerras por muitas partes das cidades, países e continentes, ainda persiste no sonho de, ombreados e de mãos dadas, os seres humanos, com a necessária tolerância e o devido respeito às diferenças, palmilharem pelas feiras, praças, alamedas, avenidas, ruas, travessas, becos, vielas, vilas, vislumbrando e vivenciando a paz contributo de todos.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA, Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

ANDRADE, Mário. **Obra imatura**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1960.

CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura Brasileira**. São Paulo: Atual, 1995.

COELHO, Teixeira. **Moderno pós-moderno**. 3 ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto de. **Literatura Brasileira**. 13ed. São Paulo: Atual, 1995.

HUIDOBRO, Vicente. **Poemas Árticos** (Obras Completas). Santiago – Chile: Editorial Andres Bello, 1976.

_____. *apud* Hugo J. Verani (El Creacionismo), **Las vanguardias literarias em hispanoamerica** – manifestos, proclamas y otros escritos – Colección Tierra Firme, Fondo de Cultura Económica, México, 1990.

_____. **Altazor e outros poemas**. São Paulo: Art Editora Ltda, 1991 (Tradução de Antonio Risério e Paulo César Souza).

_____ *apud* SCHWARTZ, Jorge. Vanguardas latino americanas: **polêmicas, manifestos e textos críticos**. São Paulo: Iluminuras/EDUSP/FAPESP, 1995.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade** (Coleção Debates). São Paulo: Perspectiva, 1989 (Tradução Póla Civelli).

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola, 1998 (Tradução de Luiz Paulo Rouanet).

LOPEZ. Telê Porto Ancona. Mário de Andrade: **Ramais e Caminho**. São Paulo: Duas, 1972.

PAZ, Octavio. **El arco y la lira**. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

_____, **Liberdad bajo la palabra**. Madrid: Cátedra, 1998.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977 (Tradução José Teixeira Coelho Neto).

PINHEIRO, Amálio. Aquém da identidade e da oposição: **formas na cultura mestiça**. Piracicaba-SP: UNIMEP, 1994.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. São Paulo: Cultrix, 1989 (Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes).

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. (Coleção Primeiros Passos) 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguarda e cosmopolitismo**. São Paulo: Perspectiva, 1983. (Coleção Estudos).

<http://www.instituto-camoes.pt/revista/pazlezama.htm>. Acessado 16/11/2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

<http://www.revista.agulha.nom.br/nciiy04.html>. Acessado em 16/11/2009.

<http://pt.shvoong.com/humanities/history-medicine-science/495030-rubem-alves-receita-para-sa%C3%BAde/>. Acessado 15/11/2009.